# Projeto Curta-Documentário sobre Ciência: experiências e discussões acerca da divulgação científica no Brasil[1]

Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champangnatte
Universidade do Grande Rio – Duque de Caxias – Rio de Janeiro
Docente do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda

**Resumo**

Este trabalho apresenta as experiências de realização do Projeto Curta-Documentário sobre Ciência, que tem como finalidade produzir e exibir vídeos documentários, realizados a partir de projetos de Iniciação Científica, para públicos acadêmicos e não acadêmicos. A apresentação deste projeto é permeada pela discussão da divulgação científica brasileira contemporânea e as possibilidades alternativas em que essa pode ocorrer. Tanto fora do eixo que envolve empresas financiadoras de pesquisas e a Universidade, como fora da agenda de notícias da grande mídia.

**Palavras-chave**

Curta-Documentário sobre Ciência; Divulgação Científica; Formas Alternativas de Divulgação Científica.

## 1- Caracterização do Projeto Curta-Documentário sobre Ciência

Há cinco anos é realizado na Universidade do Grande Rio - Unigranrio, Baixada Fluminense, o Projeto Curta-Documentário sobre Ciência, abreviado e conhecido como CDC-Unigranrio. O projeto consiste na produção e exibição de documentários realizados a partir de projetos de Iniciação Científica feitos nos mais diversos cursos das áreas de saúde, ciências humanas, artes, licenciaturas e exatas. A produção dos vídeos é realizada por alunos do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e as exibições ocorrem para o público da Universidade e também de fora dela, como escolas e comunidade em geral.

Os projetos de Iniciação Científica são disponibilizados para os alunos de Publicidade como *cases*, em que os mesmos têm que transformar uma produção textual,

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

com linguagem científica, em um documentário que abordará o estudo e seus resultados, de uma forma simples[2] e criativa. Durante as quatro primeiras edições foram produzidos 31 vídeos que foram exibidos em diversas instâncias: na própria Universidade, em um teatro e em um cinema na cidade de Duque de Caxias, sendo estas integrantes das edições do Festival Curta-Documentário sobre Ciência[3], parte do Projeto CDC. Além disso, houve exibições dos documentários em uma feira, realizada pela Universidade numa praça da cidade de Duque de Caxias, e também em um encontro com alunos de Ensino Médio, realizado no Campus de Magé da Unigranrio, também na Baixada Fluminense.

Este trabalho tem como objetivo divulgar o projeto Curta-Documentário sobre Ciência, no intuito de estimular práticas similares em outras Instituições de Ensino Superior e de contribuir para discussões frente às possibilidades de divulgação científica no Brasil. Cabe afirmar que este trabalho não é a primeira produção científica sobre o CDC, mas que este vem atualizar e apresentar um novo recorte sobre o projeto e suas práticas. Em 2010, a partir das experiências da primeira edição, foi escrito um artigo chamado "Contribuição à articulação ciência-mídia: uma experiência entre estudantes"[4] que foi apresentado no evento *World Congress on Communication and Arts*, na Universidade do Porto – Portugal. Este artigo tratou diretamente das experiências dos primeiros estudantes a participarem do projeto, apresentando descrições dos vídeos e chamando a atenção para as diversas possibilidades positivas que poderiam resultar da articulação ciência-mídia.

Desde seu surgimento, o Projeto Curta-Documentário sobre Ciência é organizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade do Grande Rio em parceria com o Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda[5]. Os alunos de Publicidade e Propaganda, participantes do CDC, têm como material de trabalho os projetos de Iniciação Científica finalizados no ano anterior da realização dos vídeos.

[2] Esta forma simples diz respeito a tornar a linguagem científica, do projeto de Iniciação Científica, mais palatável a outros públicos, não só o acadêmico.

[3] O Festival Curta-Documentário sobre Ciência é parte integrante do Projeto Curta-Documentário sobre Ciência. Nele são exibidos os documentários produzidos durante o ano de realização do projeto. O Festival ocorre na Universidade durante a Semana Nacional de Iniciação Científica e Tecnológica e conta a participação de acadêmicos e comunidade em geral.

[4] O artigo foi escrito pelo proponente deste trabalho, em parceria com o Pró-Reitor de Pesquisa da Universidade do Grande Rio, à época, e com a Coordenadora do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

[5] Atualmente, no ano de 2013, o Pró-Reitor de Pesquisa da Unigranrio é o Prof. Dr. Emílio Francischetti, tendo como coordenadora dos projetos de Iniciação Científica da Universidade a Prof. Dra. Virgínia Genelhu. A coordenação do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda é feita pela Prof. Mestre Maria Rita Braz.

A produção dos vídeos se inicia com o contato entre os alunos de Comunicação e os alunos realizadores dos projetos de Iniciação Científica, para que troquem experiências e para que contribuam mutuamente na criação dos documentários. Uma das regras do Projeto prevê a não participação do professor orientador de Iniciação Científica, no intuito de que a troca entre os alunos seja mais substancial. A inscrição dos alunos de Publicidade, para participarem do Projeto, é livre e eles podem escolher com qual Iniciação Científica irão trabalhar, a partir de uma lista de projetos finalizados no ano anterior, como já dito. Os vídeos documentários têm que ter, no máximo, cinco minutos e podem ter, dentro de seus conteúdos, algumas partes feitas em ficção. Cada vídeo pode ter a participação de até três alunos realizadores. Os vídeos produzidos, ao final, servem como portfólio tanto para os alunos de Publicidade, como para os alunos que fizeram Iniciação Científica, que podem levar os mesmos para suas apresentações em congressos e simpósios.

Ainda em termos estruturais, o Projeto Curta-Documentário sobre Ciência elege, dentro do Festival Curta-Documentário sobre Ciência, os três melhores vídeos e premia os seus realizadores. Esta eleição é feita por profissionais da área acadêmica, mas também por jornalistas especializados em jornalismo científico e publicitários. Dentre os prêmios já entregues estão bolsas de seis meses de mensalidade, na Universidade, até *tablets* e máquinas fotográficas.

O laboratório de televisão do Curso de Comunicação Social da Unigranrio oferece todo o suporte técnico aos alunos, desde câmeras, microfones, gravações no estúdio de Tv, e em externas, e até apoio para finalização nas ilhas de edições de imagem e som. Com isso, evita-se que alguns alunos sejam prejudicados por não possuírem uma câmera melhor que outro aluno. E, somando-se a essa busca de equiparação tecnológica, os jurados são orientados a não atentarem muito para aspectos técnicos, mas, principalmente, para a forma como o realizador do vídeo lidou com a adaptação da linguagem escrita científica para uma linguagem dinâmica audiovisual.

Após a apresentação do Projeto Curta-Documentário sobre Ciência, parte-se para uma abordagem das principais formas em que a divulgação científica ocorre no Brasil, para, em seguida, voltar-se a discussão de tal projeto, no intuito de caracterizá-lo como um espaço alternativo de divulgação científica, dentre as várias possibilidades desenvolvidas em nosso país.

## 2- Divulgação Científica no Brasil

Couto e Resende (2012) abordam que a produção científica no Brasil é realizada, majoritariamente, dentro do meio acadêmico e a divulgação dessa produção acontece através de periódicos e eventos ligados a tal meio. Ou seja, o meio acadêmico é o próprio público da produção científica que ocorre em tal. Dificilmente os resultados de pesquisas chegam a outras instâncias, a não ser quando interessam aos meios de comunicação, que divulgam tais pesquisas em manchetes de jornais impressos, matérias de revistas ou mesmo citando-as em telejornais. Essas práticas, juntamente com revistas e programas de Tv especializados na temática ciência, são chamadas de jornalismo científico. Teixeira (2002) aponta que o jornalismo científico é mais jornalismo do que ciência e está regido por interesses culturais, e principalmente econômicos, de jornais e revistas que abrem espaço para notícias de tal área ou especializam-se nelas.

Inicialmente, neste item, se abordará alguns estudos relacionados à divulgação científica realizada no meio acadêmico e, em seguida, volta-se à questão do jornalismo científico, para então se partir para experiências alternativas de divulgação científica no Brasil.

O surgimento de periódicos científicos eletrônicos e a disponibilização de diversos impressos na internet facilitou o acesso a artigos científicos, impulsionando de forma positiva o trabalho de pesquisa acadêmica e, consequentemente, novas produções (COUTO, RESENDE, 2012). Em um trabalho de 2006, Gruszynski e Golin apontam um grande quantitativo de revistas científicas migrando seus conteúdos para a internet, em função de orientações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e das possibilidades de terem maior acesso com essa iniciativa.

Em 2013, Anastácio e Vieira apresentaram o resultado de um estudo/mapeamento feito a partir dos acessos ao Portal de Periódicos Capes e verificaram um aumento no número de acessos ao mesmo nos últimos cinco anos. Ainda nessa pesquisa, relataram um estudo de caso de uma revista científica, que possui versões impressas e on-line, concluindo que os exemplares impressos desta não estão mais atendendo as necessidades de pesquisadores. A pesquisa atribui esse fato à dificuldade de acesso aos impressos da revista estudada e à falta de possibilidades hipertextuais nos textos impressos[6].

[6] É válido ressaltar que quando o periódico estudado passou a dispor versões impressas e on-line de um mesmo número, preocupou-se em adaptar-se incorporando diversos elementos hipertextuais à versão on-line.

Além das quantidades e das finalidades de buscas por pesquisas científicas na internet, o estudo da divulgação científica no meio acadêmico pode abrir espaços para outros pontos de discussões bem diversos. Há autores que acreditam que a internet democratiza o acesso ao conhecimento e, além disso, horizontaliza as relações entre produtores e consumidores de informações, oferecendo, inclusive, possibilidades dos consumidores se tornarem produtores também (GONÇALVES, MATEUS, 2012). Porém, outros autores não percebem a internet dessa forma e a concebem ocorrendo sob os mesmos parâmetros econômicos neoliberais que regem os processos convencionais de edição de livros ou de publicações científicas impressas (BUENO, 2001). Nessa linha, Souza (2010) afirma que a produção científica acadêmica está sendo tratada cada vez mais como mercadoria, inclusive com juízo de valor, em que há revistas científicas melhores ou piores, e mais, pesquisadores melhores ou piores que merecem mais ou menos incentivos financeiros para realização de seus trabalhos. Todo esse sistema de valor, segundo Souza, foi criado pela Capes para incentivar a competitividade no meio acadêmico. Quem produz mais e melhor, segundo os critérios da própria Capes, merece mais incentivo financeiro.

> Uma das manifestações do produtivismo taylorista na Universidade é a competição compulsiva e o avanço do individualismo, bem no espírito neoliberal, através da imposição dos duros processos de avaliação que os pesquisadores têm de se submeter em busca de recursos. (SOUZA, 2010, p.274)

A afirmação de que a produção científica, nos dias atuais, segue o modelo produtivista neoliberal também aparece em Luz (2005), que critica a pressão exercida pelos organismos de fomento de pesquisa, principalmente pela Capes, para que a produção científica nacional dê resultados quantitativos positivos, sem se preocupar com a qualidade de tais produções. Além disso, a autora levanta a falta de democratização de acesso a recursos por novos pesquisadores, já que a distribuição de financiamentos se dá pela pontuação que o pesquisador já tem. Isso leva a um círculo vicioso que dificulta a entrada de novos participantes.

A partir do que foi apresentado, até então, por Bueno (2001), Souza (2010) e Luz (2005), este trabalho assume a perspectiva de que não há uma horizontalização da produção

---

Isso não quer dizer que toda revista científica, disponibilizada na internet, estimule a hipertextualidade em suas publicações. Em um estudo específico sobre a utilização de hipertextos em revistas científicas eletrônicas, Macedo-Rouet (2003) aponta que pode haver diversas falhas na adaptação do impresso para o *on-line*, principalmente com relação à criação de redes hipertextuais e de hipermídia.

e divulgação científica no Brasil, mesmo com o advento de revistas eletrônicas, como afirmam Gonçalves e Mateus (2012). O que há é uma disponibilização maior de trabalhos científicos na rede, mas a lógica de produção, e também de divulgação de tais trabalhos, segue uma linha produtivista, não democrática. Pois os periódicos mais acessados e referenciados acabam sendo aqueles mais bem pontuados pela Capes. Ou seja, ou o periódico entra na linha de determinações da Capes e passa a ter chance de ser pontuado, ou acaba sendo desprezado por ela e também pela maioria da comunidade científica, que é gerida pelas normas da própria Capes.

Partindo desse posicionamento frente à produção e divulgação científica no/para meio acadêmico, volta-se a abordar o jornalismo científico. Segundo Bueno (2001), as informações científicas estão envoltas em relações de poder assim como outros tipos de informações que são divulgadas. O que será notícia está ligado às concepções ideológicas de determinados conglomerados comunicacionais e são eles quem fazem a ponte entre a academia, produtora do conhecimento científico, e o público. Tais concepções ideológicas dos meios de comunicação, por sua vez, são influenciadas pelas relações econômicas que estes estabelecem com as empresas que os sustentam, principalmente através dos investimentos em mídia. Ou seja, a informação científica, assim como qualquer outro tipo de informação, passa pelo crivo ideológico dos meios de comunicação, que por sua vez é construído com base nas políticas econômicas de seus parceiros. O que, consequentemente, influenciam as relações entre ciência e sociedade.

> As relações entre ciência/tecnologia e sociedade, permeadas por uma rede complexa de interesses e compromissos, exigem uma nova postura do jornalismo científico, agora, mais do que nunca, comprometido com uma perspectiva crítica do processo de produção e divulgação em ciência e tecnologia. Agrega-se a este quadro uma nova realidade: a concentração dos meios de comunicação e das agências de Publicidade, fruto de um processo avassalador de fusões e aquisições. Esta concentração, acelerada pela emergência das novas tecnologias e pela planetarização dos mercados, faz ressaltar a supremacia incontestável de empresas transnacionais (BUENO, 2001, p.169).

Apesar da exigência de uma postura crítica do jornalismo científico, nota-se, na verdade, que o mesmo está envolto em toda a trama ideológica e econômica das mídias e das empresas que as sustentam. Um exemplo desse envolvimento é encontrado em um trabalho de Camargo e Miguelote (2010), em que eles apontam e descrevem uma grande influência da indústria farmacêutica, nacional e multinacional, no que deve ser pesquisado na academia e, também, no que deve ser divulgado na mídia sobre tais pesquisas. No

primeiro estágio, influência nos temas de pesquisas, ocorre uma aproximação das indústrias com a academia, através de financiamentos e prêmios dados aos estudos que interessem a tais indústrias. No segundo estágio, na divulgação, as empresas farmacêuticas pagam por espaços publicitários e, principalmente, por matérias em jornais e revistas, para que divulguem resultados de pesquisas às quais financiaram ou a assuntos que as interessem. "Com o objetivo de alavancar vendas, a indústria desenvolveu, como estratégia, formas variadas de apropriação criativa de resultados de pesquisa" (idem, 191). Ou seja, a função do jornalismo científico aqui é apenas ser o meio para que as apropriações criativas de pesquisas, pelas indústrias, cheguem até o público, que são/serão seus consumidores.

Constatações semelhantes sobre as atuações do jornalismo científico atual também são encontradas em Zamboni (2001), que apresenta, em seu trabalho, algumas relações existentes entre a prática do jornalismo científico e a divulgação científica. Segundo a autora, o que virará matéria dependerá não do impacto da pesquisa para determinada área do conhecimento, mas da atratividade e procura que determinada notícia poderá ter ao divulgar resultados científicos. E é interessante notar que tais atratividades e procuras não se tratam de relações somente com o público, mas, principalmente, com as empresas que os meios de comunicação mantêm relações.

Portanto, existem diversas influências mercadológicas no processo de produção e divulgação científica, tanto no meio acadêmico, produzindo e divulgando para si próprio. Como no jornalismo científico, que se apropria de pesquisas, e seus resultados, a partir das relações que mantem com seus parceiros comerciais. No entanto, nem todas as pesquisas realizadas no âmbito acadêmico são influenciadas por interesses de empresas e existem diversos estudos que criticam as relações econômicas/ideológicas existentes entre a academia e o mercado (MARRACH, 1996; MUELLER, 2006). Assim como existem meios de divulgação científica alternativos às práticas citadas de jornalismo científico. Dentre esses meios alternativos podem ser citados blogs, sites, revistas, canais de televisão, rádio e até documentários independentes, que contribuem para uma divulgação fora do eixo de parcerias academia/mídia/mercado (BATISTA, COSTA, 2009).

Quanto ao documentário, COSTA et al (1999) aponta o mesmo como um meio de fácil produção e de múltiplas possibilidades para a divulgação científica, pois agrega a dinâmica da linguagem audiovisual às curiosidades inerentes a diversos resultados de pesquisas. Em Bortoliero (2002) encontra-se um panorama histórico da produção de documentários científicos em Universidade brasileiras e a importância destes para a

divulgação científica, mesmo que somente dentro do próprio meio acadêmico. Porém, em trabalhos mais recentes, nota-se uma preocupação em experimentar as possibilidades da linguagem audiovisual do documentário, no intuito de fomentar a disseminação/compreensão de pesquisas científicas em comunidades não acadêmicas (DINIZ, 2009; NORONHA, OLIVEIRA, 2005).

Após as análises sobre divulgação científica no meio acadêmico e no jornalismo científico atuais, posiciona-se o Projeto Curta-Documentário sobre Ciência como um espaço alternativo de divulgação científica. E este posicionamento será caracterizado por dois pontos: o primeiro, relacionado ao próprio formato do Projeto, desatrelado de fins mercadológicos e voltado à Iniciação Científica, e o segundo, relacionado ao seu objetivo de divulgação científica no meio acadêmico e para além dele.

## 3- O Projeto Curta-Documentário sobre Ciência – espaço alternativo de divulgação científica acadêmica e não acadêmica

### 3.1 - Iniciação Científica e o Ensino-Pesquisa-Extensão

O Projeto Curta-Documentário sobre Ciência é um projeto sem fins lucrativos e é aberto gratuitamente à comunidade, tanto na realização do Festival Curta-Documentário sobre Ciência, na Universidade, como em suas exibições fora dela. O Projeto não recebe investimento de nenhuma empresa e é realizado pela Universidade Unigranrio como uma de suas atividades de extensão[7]. Apesar do Projeto, enquanto mostra de vídeos dentro e fora da faculdade, estar ligado diretamente à extensão, nota-se também um atrelamento do mesmo à pesquisa e ao ensino. Pois incentiva o interesse pela pesquisa científica dentro e fora da Universidade, além de levar conhecimento científico a partir dos conteúdos dos vídeos. Ou seja, o Projeto Curta-Documentário sobre Ciência é uma realização em que se percebe a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, exigidos pelo Ministério da Educação nas Universidades (NOGUEIRA, 2005).

[7] Como já dito, é uma atividade de extensão realizada pela Pró-Reitoria de Pesquisa em parceria com o curso de Comunicação Social.

Somado ao ponto de não haver interesses mercadológicos na realização do Projeto CDC, outro fator contribui para a caracterização do mesmo enquanto um espaço alternativo de divulgação científica: ter como foco apenas projetos de Iniciação Científica.

A Iniciação Científica é a realização de um projeto de pesquisa por um aluno de graduação a partir da orientação de um professor. Essa prática é muito incentivada pelo Ministério da Educação junto às Universidades, tanto públicas como privadas. Segundo Beraldi, Tenório (2010) o principal objetivo da Iniciação Científica é introduzir a pesquisa junto aos estudantes de graduação, no intuito de formar novos pesquisadores para atuarem em pós-graduações. Mas, além disso,

> os projetos de pesquisa auxiliam no desenvolvimento pessoal, por submeter o aluno a um planejamento e organização diferenciados. Isso significa que, ao avaliar a viabilidade da pesquisa, prever erros e sistematizar sua execução, o estudante aprimora sua capacidade de exercer com competência atividades referentes à sua profissão. Foi por essa característica que o Manual do Usuário do PIBIC definiu a Iniciação Científica como "um instrumento de formação de recursos humanos qualificados"(idem, p.390).

Apesar da importância da dimensão pesquisa atrelada à Iniciação Científica, fica claro, na citação, e também em outros trabalhos relacionados ao tema (BARIANI, et al., 2000; PIRES, 2002 ), que a função da mesma é atuar na formação do aluno de graduação, sendo quase irrelevante a importância do conhecimento científico produzido em tal etapa. É como se esse conhecimento ainda não tivesse a chancela de ser considerado científico, como se fosse um estágio para se chegar a tal, um passo antes da pós-graduação. Nota-se isso desde o nome dado a tais projetos, em que se trata de uma iniciação e não ciência de fato. Isso abre espaço para se questionar o quanto a atividade de Iniciação Científica está ligada à dimensão pesquisa ou ligada à dimensão ensino, já que sua principal função, segundo os autores, é formar um pesquisador[8]. Fomentando ainda mais essa questão, os autores acrescentam que

> a Iniciação Científica coloca o aluno em contato com diferentes áreas do conhecimento e o leva a se relacionar com profissionais variados, ampliando uma característica essencial do atual mercado de trabalho: a multidisciplinaridade (idem, p.390).

Ou seja, aponta-se novamente a importância da Iniciação Científica enquanto formação do aluno, característica da dimensão ensino, e não da produção científica,

[8] Mesmo que haja, por parte do Ministério da Educação, a exigência de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, nota-se nos trabalhos citados uma prevalência da dimensão ensino enquanto função principal dada à Iniciação Científica.

característica da dimensão pesquisa. O que mais interessa não são os resultados das pesquisas, ou o que é pesquisado, mas o processo, como um estágio para torná-lo um pesquisador. Tanto é que há poucos espaços de divulgação científica para resultados obtidos em pesquisas de Iniciação Científica. Dentre esses poucos espaços, estão eventos como o próprio Intercom[9] e o Cobric[10]. Além de iniciativas de congressos promovidos dentro de Universidades, como a Jornada de Iniciação Científica da UFRJ e o Seminário de Iniciação Científica da Unigranrio. Nesses eventos, apesar de poucos, há a valorização do conhecimento científico produzido por alunos de graduação, o que vai ao encontro do que aponta Gomes, Gonçalves e Menin (2004) em que o incentivo à Iniciação Científica deveria ser visto como um momento de produção de ciência, de conhecimento, e não só de formação do aluno.

Nesse sentido, o Curta-Documentário sobre Ciência, ao escolher como tema projetos de Iniciação Científica, trata esses projetos enquanto espaço de produção de conhecimento, reiterando a importância de se perceber a Iniciação Científica também como dimensão de pesquisa e construção de saber, e não apenas de formação de pesquisadores para pós-graduações.

### 3.2 – Comunidades acadêmicas e não acadêmicas

O objetivo inicial do Curta-Documentário sobre Ciência era levar a pesquisa desenvolvida dentro da Universidade, na graduação, para o público de dentro dela e, também, para fora dela, no intuito de propiciar diálogos com a produção científica desenvolvida. Percebeu-se, porém, que muito mais do que só divulgação científica, se poderia, em âmbito acadêmico, desenvolver atividades ligadas à busca de uma interdisciplinaridade entre alunos de diferentes cursos. Determinou-se, então, que alunos de Publicidade e Propaganda seriam produtores de documentários a partir de projetos de Iniciação Científica. Tal curso foi escolhido com a intenção de que os alunos dessem à linguagem científica uma abordagem mais simples e criativa, para divulgar o conhecimento científico a diferentes públicos.

A importância acadêmica do Curta-Documentário sobre Ciência, como já dito, já começa na produção dos vídeos, pois são alunos de Publicidade trabalhando junto com

[9] www.intercom.org
[10] Cobric – Congresso Brasileiro de Iniciação Científica - http://sites.unisanta.br/cobric/regulamento.asp

alunos de diferentes cursos e áreas de conhecimento. Durante as quatro edições, acompanhou-se de perto a maioria das gravações e foram observadas trocas muito ricas entre os alunos. Tanto técnicas, onde um ensinava o que sabia para o outro, como pessoais, pois os alunos tiveram que aprender a se relacionar, a serem permissivos quanto às críticas que eles mesmos se faziam. Observou-se que o aluno de Iniciação Científica, às vezes, se sentia invadido, em sua pesquisa, pelo aluno de Publicidade. Assim como este, em alguns casos, não se sentia bem ao ser criticado por determinada decisão audiovisual.

Após todo o processo de produção, os vídeos tomam dois caminhos de exibição. O primeiro, para o público acadêmico[11], no Festival Curta-Documentário sobre Ciência. E o segundo, nas exibições fora da Universidade, em instâncias já citadas.

Nas sessões apresentadas fora da Universidade, até o momento, houve boa participação de público. A curiosidade foi despertada, questionamentos surgiram e vários diálogos foram estimulados, principalmente nas sessões que foram direcionadas a alunos do Ensino Médio. Alguns realizadores de Iniciação Científica relataram que não tinham ideia de como esses alunos poderiam entender, de maneira tão simples, o que eles estavam querendo passar com suas pesquisas. Em uma dessas sessões, uma professora, de uma das escolas, pediu uma cópia da sessão de vídeos que presenciou, pois gostaria de utilizar com outra turma que não estava presente.

Na sessão realizada em uma praça da cidade de Duque de Caxias, houve a participação de um público bem heterogêneo. A sessão era passada, em *looping*, dentro de uma tenda, que fazia parte de um projeto maior realizado pela Universidade. Muitas pessoas entravam, mas ficavam pouco tempo. Porém, alguns vídeos conseguiram chamar a atenção e prendiam as pessoas até o fim, até mesmo da própria sessão. Conversando com alguns espectadores, notou-se que o interesse maior foi por vídeos com temas ligados à área de saúde e meio ambiente. Porém, independentemente do interesse das pessoas por esse ou aquele tema, fator relevante, mas que não é o foco deste trabalho, notou-se que a participação estava muito mais ligada à curiosidade do que era aquela mostra de vídeos, do que propriamente aos temas abordados em cada um. Fato esse que pode ser exemplificado por um questionamento feito por um espectador, frente aos vídeos exibidos: isso aí, é ciência?

[11] Apesar de ocorrer dentro da Universidade e ser direcionado para o público da mesma, as sessões do Festival são abertas à comunidade.

## 4.0 – **Considerações finais**

Finaliza-se este trabalho com o intuito de que a prática do Projeto Curta-Documentário sobre Ciência incentive outras práticas alternativas de divulgação científica em vários meios, acadêmicos ou não. É importante frisar que não existe uma fórmula milagrosa, este Projeto está dando certo onde está, mas há outras possibilidades de iniciativas e formatos possíveis para diferentes realidades. O que é importante perceber é que existem maneiras de se produzir e divulgar ciência sem ser refém de interesses de iniciativas privadas e suas estratégias de marketing, assim como das relações destas com os veículos de comunicação.

Espera-se, com iniciativas alternativas de divulgação científica, estimular discussões que abordem não só os sistemas de produção/divulgação de ciência, mas também o que é ciência e como torná-la acessível a comunidades não acadêmicas, abordando de que forma ela pode contribuir para o desenvolvimento social. Em um país que, de acordo com Leher (1998) a formação educacional está cada vez mais esvaziada do pensamento científico, vislumbrar outras formas de se produzir/divulgar conhecimento é parte também de uma luta social.

## **Referências Bibliográficas:**

ANASTÁCIO, L.A.; VIEIRA, E.A. **Mapeamento de fontes de informação em ambiente web para ciência e tecnologia.** In: Revista Digital de Biblioteconomia e Documentação. Campinas: Unicamp, 2013

BARIANI, I.C.D.; ESCHER, C.A.; PITTA, K.B.; SANTOS, L.A.D. **Estilos cognitivos de estudantes de psicologia: impacto da experiência em iniciação científica.** In: Psicologia escolar e educacional, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pee/v4n2/v4n2a05.pdf

BATISTA, A.L.M, COSTA, A.M.N. **A ferramenta blog no processo de produção científica:** uma experiência positiva. In: Revista Interin, Universidade Tuiuti do Paraná, 2009.

BERALDI, G.; TENORIO, M.P. **Iniciação científica no Brasil e nos cursos de medicina.** In: Revista da Associação Médica Brasileira, São Paulo, 2010.

BORTOLIERO, S. **A produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras:** a experiência do centro de comunicação da universidade estadual de campinas (1974-1989). XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador, 2002. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/637ad5e0cd55396c4d18827e9031242b.pdf

BUENO, W. C. **Jornalismo científico no Brasil:** os compromissos de uma prática dependente. Tese (Doutorado) - USP, ECA, São Paulo, 1984.

BUENO, W.C. **Jornalismo científico, lobby e poder**. In: Revista Parcerias Estratégicas, n. 13. Brasília, 2001.

CAMARGO, K.R.; MIGUELOTE, V.R.S. **Indústria do conhecimento:** uma poderosa engrenagem. In: Revista de Saúde Pública, v.44. UERJ: Rio de Janeiro, 2010.

CHAMPANGNATTE, D. M. O. ; COSTA, M. R. ; CASTRO, P.F. **Contribuição à articulação ciência-mídia: uma experiência entre estudantes.** In: IWCCA'210 - WORLD CONGRESS ON COMMUNICATION AND ARTS, 2010, Guimarães. Information technology in arts and information visualization, 2010.

COSTA, I.C.C.; UNFER, B; OLIVEIRA, A.G.R.C.; ARCIERI, R.M.; MORAES, E.; SALIBA, N.A.; MEDEIROS, R. **Resumo documentário: instrumento de divulgação científica: uma proposta de avaliação.** In: RPG – Revista de Pós-Graduação. São Paulo, 1999.

COUTO, H.H.O.M.; REZENDE, L.A. **Documentário de divulgação científica.** III Encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente. Niterói/RJ, 2012. Disponívelem:http://www.ensinosaudeambiente.com.br/eneciencias/anaisiiieneciencias/trabalhos/T8.pdf

DINIZ, A. **Documentário científico:** reconhecimento internacional de filme brasileiro sobre o transmissor da dengue. VII Encontro Nacional de História da Mídia. Fortaleza, 2009.

GRUSZYNSKI, A. C.; GOLIN, C. **Periódicos científicos**: transição dos suportes impresso para o eletrônico e eficácia comunicacional. Unirevista, 2006. Disponível em:http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_GruszynskiGolin.PDF

GOMES, M. A. D. J.; GONÇALVES, M. D. F. M.; MENIN, P. A. H**. A necessidade da iniciação científica para alunos de instituições de ensino superior particulares:** a possibilidade de acesso crítico ao conhecimento como pretensão à excelência. In: Reunião Anual da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação. –ANPEd, 27., Caxambu. Anais.Petropolis: Vozes, p.222, 2004

GONÇALVES, C.B.; MATEUS, W.D. **Discutindo a divulgação científica:** o discurso e as possibilidades de divulgar ciência na internet. In: Revista Areté, v.05. Manaus, 2012.

LEHER, R. **A ideologia da globalização na política de formação profissional brasileira**. In: Revista Trabalho e Educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

LUZ, M.T. **Prometeu Acorrentado:** Análise Sociológica da Categoria *Produtividade* e as Condições Atuais da Vida Acadêmica. In: PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, v. 15, Rio de Janeiro, 2005.

MACEDO-ROUET, M**. Legibilidade de revistas eletrônicas de divulgação científica.** In: Revista Ciências da Informação, Brasília, 2003.

MARRACH, S. A. A. **Neoliberalismo e educação.** In: **Infância, educação e neoliberalismo**. GHIRALDELLI JR, P.(org.) . São Paulo: Cortez, 1996.

MUELLER, S.P.M. **A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento.** In: Revista Ciências da Informação. Brasília, v. 35, 2006.

NOGUEIRA, M.D.P. **Políticas de extensão Universitária brasileira**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

NORONHA, D.P.; OLIVEIRA, E.B.P.M. **A comunicação científica e o meio digita**l. In: Informação e Sociedade: Estudo. v.15, UFPB, 2005.

PIRES, R. **A Contribuição da Iniciação Científica na Formação do Aluno de Graduação numa Universidade Estadual**. Dissertação (Mestrado em Educação), Salvador: UFBA, 2002.

SOUZA, J.P.M. **A mercantilização da ciência e a responsabilidade social dos pesquisadores.** In: Anais do XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012

TEIXEIRA, M. **Pressupostos do Jornalismo de Ciência no Brasil**. In: Massarani, L. et al (orgs.). Ciência e Público: Caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, pp. 133-141. 2002

ZAMBONI, L.M.S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica.** Campinas: Autores Associados, 2001.